



## **DISCURSOS E PRÁTICAS CONSTRUTORES DE IDENTIDADES DE ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS DE FARMÁCIA: QUESTÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADE**

Vera Helena Ferraz de Siqueira<sup>1</sup>  
Marcia Bastos de Sá<sup>2</sup>  
Marina Cardoso Gondin da Fonseca<sup>3</sup>

Para entender a formação profissional não basta compreender como conhecimentos formais – aqueles que se encontram nos livros ou nos ensinamentos dos/as professores/as – são transmitidos e apropriados pelos/as alunos/as. O conhecimento deriva também do que Foucault denominou “saberes”, que se relacionam às práticas cotidianas, opiniões públicas, normas, regras, moralidade, etc. (Foucault, 1994, apud Scheurich & Mc Kenzie) e a aprendizagens sobre o que se pode aspirar na vida, os papéis a serem cumpridos como homens e mulheres na sociedade, e a forma de se exercer a cidadania.

A formação desses saberes está intimamente vinculada a relações de poder, situando-se em circunstâncias e contextos sócio-culturais específicos, como nas universidades, entendidas como instituições modernas que estabelecem parâmetros para as ações dos sujeitos através de seus currículos, horários e rotinas. São esquemas que delimitam um conjunto de regras em relação à produção acadêmica, aos métodos de ensino e aos comportamentos de alunos/as e professores/as, e que materializam práticas discursivas. Como ensinou Foucault:

As práticas discursivas não são pura e simplesmente modos de fabricação de discursos. Ganham corpo em conjuntos técnicos, em instituições, em esquemas de comportamentos, em tipos de transmissão e de difusão, em formas pedagógicas, que ao mesmo tempo as impõem e as mantêm. (1997, p.12)

Sob a lógica da modernidade<sup>4</sup>, há um progressivo ajuste dos indivíduos ao sistema de regras socialmente instituídas; entretanto, ao penetrarmos “a rede constitutiva das relações sociais que individualizam os sujeitos” para detectar “como funcionam as coisas no nível do processo de sujeição” (FOUCAULT, 2003, p.182), verificamos que os eventos não se enquadram nessa lógica da ordem e da previsibilidade<sup>5</sup>. É o caso das relações estabelecidas entre os/as alunos/as em alguns

<sup>1</sup> Docente NUTES/ UFRJ, Doutora em Educação, verahsf@yahoo.com.br

<sup>2</sup> Aluna de doutorado do Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e Saúde do NUTES-UFRJ, marciabsa@hotmail.com

<sup>3</sup> Aluna de Graduação de Licenciatura em Educação Física, bolsista PIBIC/CNPq, marinagondin@hotmail.com

<sup>4</sup> A lógica da modernidade foi questionada por Foucault principalmente a partir das teorizações de Canguilhem, considerado por alguns, como Scheurich & McKenzie (2005), o seu mais influente mentor intelectual.

<sup>5</sup> Estes conhecimentos implícitos de uma sociedade, distintos dos conhecimentos formais, se referem ao âmbito de pesquisa que o filósofo denomina “arqueologia” (Foucault, 2004, apud Scheurich and McKenzie, 2005).



contextos não formais, o modo como agem em eventos que não são apoiados pela universidade, mas ao mesmo tempo são aceitos.

O cotidiano na universidade toma forma nos espaços de socialização fora das demarcações do currículo formal, como festas, grupos de estudo, trotes e encontros religiosos, e esses são contextos produtivos para indagações sobre construções identitárias mediadas por relações de poder. Nesses contextos em que os/as alunos/as se posicionam, se engajam em ações e assumem valores, suas identidades são construídas; como aponta Hall (1997, p. 26), são ocasionadas por um conjunto especial de sentimentos, histórias e experiências, ou seja, são formadas culturalmente. Elas são construídas ao longo de discursos, estando em constante processo de mudança e transformação.

Apoiado nesses pressupostos, o foco do presente artigo são as construções de identidades relacionadas às experiências do trote universitário, evidenciadas especialmente em discursos e práticas de estudantes de Farmácia, com ênfase em suas marcas de gênero e sexualidade. Discutimos também as relações dessas representações com algumas semióticas presentes no espaço físico do Centro de Ciências da Saúde-CCS, através das quais proliferam apelos relacionados à sexualidade e ao consumo e que são responsáveis pela construção de saberes.

Este artigo, um recorte de estudo mais amplo<sup>6</sup>, se apóia em estudo empírico, cujos dados foram obtidos em 2009 e 2010 através de entrevistas, observações e visitas a sites dos estudantes da Faculdade de Farmácia de uma universidade pública da região sudeste. Observamos em nosso estudo que um conjunto de técnicas e regras estruturam o trote universitário e que os sujeitos (calouros/as e veteranos/as) produzem, questionam e se enquadram nessa estrutura, a partir de relações de poder, as quais são móveis e instáveis e se constituem a partir de um processo de normalização que incide principalmente sobre os corpos dos/as jovens, e que tem como referência importante a lógica binária que estabelece a heterossexualidade como norma e o investimento nos corpos como superfícies de marcação de gênero.

### *Consumismo, sexualidade e formação identitária*

Como fio constitutivo das relações sociais está o poder, que permeia a formação identitária quando, por exemplo, os indivíduos participam de interações sociais que tendem a lembrá-los/as quais lugares de sujeito devem ser ocupados para serem aceitos, para não destoarem do que foi estabelecido como a “forma natural de ser”.

---

<sup>6</sup> Este artigo é um recorte do projeto “Para uma universidade democrática: questões de gênero e outras marcações de diferença”, apoiado pelo CNPq (Ed. Relações de gênero, mulheres e feminismo/2008).



Celebrações, eventos científicos ou esportivos promovidos pelos estudantes frequentemente refletem uma lógica mercantilista, como no caso do trote, um ritual tradicional entre os estudantes em que os/as calouros/as são submetidos/as a uma série de provações pelos/as veteranos/as. A lógica mercantil, característica da sociedade maior, se concretiza também no espaço físico onde convivem diariamente: o prédio do CCS.

Nos corredores do prédio proliferam semióticas materializadas por cartazes e faixas afixados nas paredes. Interpelações como “Muito sexo e prazer”, “*chopp* liberado” ou “cerveja a preço de custo” servem como atrativo para as atividades sociais e festas, coordenadas em cada curso por uma “comissão de festas”. Nota-se também *stands* que anunciam as vantagens de alguns planos privados de saúde sobre outros planos; instituições bancárias expõem suas condições vantajosas, “especiais para estudantes”, *stands* vendem uma diversidade de quinquilharias, etc. Em tal contexto, os/as estudantes também anunciam e vendem suas festas, esquentadas por muito álcool e sexo, como no caso da “Biologia” e “Farmácool”.

Significados sobre a sexualidade estão relacionados com o consumismo, que, como lembra Bauman, é um tipo de arranjo social resultante do rearranjo de desejos humanos rotineiros, “transformando-os na principal força propulsora e operativa da sociedade” (2008, p. 41). Os apelos de consumo convidam os indivíduos a se envolverem em certas ações; eles interpelam os membros da sociedade como consumidores e os avaliam de acordo com a adequação e prontidão de suas respostas a tal chamado (BAUMAN, 2008, p. 71).

É nesse contexto que tem lugar o trote<sup>7</sup>, prática tradicional, que como todas as relações sociais, tem o poder como fio constitutivo. O trote é uma atividade investida por regras, cujo planejamento, na Farmácia, ocorre com semanas de antecedência; uma coordenação determina os horários e atividades, que são postados no *Orkut*, e informações sobre os locais de encontro, como se vestir, etc. Uma das atividades mais populares é o pedágio, no qual os/as calouros/as são instruídos/as para pedir dinheiro nas ruas e cada um/a deles/as deve recolher uma quantia estipulada pelo comando dos veteranos<sup>8</sup>.

O pedágio envolve planejamento, pois ocorre ao mesmo tempo em vários bairros da cidade. Os corpos dos/as calouros/as são pintados com diferentes símbolos que frequentemente transmitem mensagens sexuais. Algumas calouras usam pouca e/ou roupas provocantes, como no caso de uma menina da Farmácia que foi pintada de vaca e exibia as palavras “à venda” escritas na barriga, com

<sup>7</sup> Com exceção do caso do curso de Enfermagem, no qual as atividades do trote estão muito identificadas com a ajuda ao próximo, a sexualidade ocupa papel central no trote entre estudantes de Medicina, Farmácia e Biologia.

<sup>8</sup> A quantia mínima estipulada, por ocasião de nossa observação, foi de R\$300,00.



uma flecha apontando para seu órgão sexual. Enquanto os/as calouros/as cumprem sua tarefa, os transeuntes fazem insinuações, os veículos param, ressoam assobios, etc. Nesses processos, os corpos, gestos, discursos e desejos são assujeitados pelo poder e tornam-se objeto de saber sobre o papel da mulher na sociedade, sobre o uso dos corpos etc. Entretanto, essas jovens são também o centro de transmissão do poder, que “passa por elas”; em outras palavras, não estão em condição apenas de sofrer, mas também de exercer o poder (FOUCAULT, 2003, p.183).

Os/as veteranos/as comandam as atividades em um estilo militar: observam hierarquias, fazem ameaças e levam a cabo punições, como foi também observado em estudo de Almeida Jr. & Queda (2006). Sanções normalizadoras, julgamentos e represálias são estabelecidas em relação ao comportamento esperado por parte dos calouros. Não participar do trote ou se opor ao mesmo pode resultar em processos de exclusão, como não ser bem-vindo/a no CA, e/ou ser tachado de “estranho”.

No prédio do CCS várias outras atividades ocorrem comandadas pelos/as veteranos/as, como ordenar aos rapazes para agirem como mulheres, comandar danças eróticas ou fazer com que os calouros para carreguem cartazes com auto descrições, por exemplo, questionando sua masculinidade e seu desempenho sexual.

Outra atividade consta de colocar os/as calouros/as numa fila e ordenar que um/a coma um pedaço de banana e que passe para a boca do/a outro/a estudante, até que as bocas de dois estudantes se encontram. Essa atividade, repetida usando cenouras e balas, acontece entre rapazes e moças e também entre moças e moças. Neste último caso nota-se muita agitação quando as meninas “se beijam”.

Alguns/mas estudantes se referem ao trote como “humilhante”, “perigoso” e “insuportável”. Outros/as, especialmente aqueles/as que estão mais diretamente envolvidos/as com sua organização, referem-se a ele como divertido ou como uma oportunidade para fazer amigos.

O ritual é repetido todos os anos e aqueles/as estudantes que foram humilhados/as se tornam líderes no próximo ano, o que evidencia a mobilidade do poder. Uma estudante de Farmácia coloca nos seguintes termos:

“Eu acho que o trote é sempre uma vingança, seja lá boa ou ruim, porque não adianta, você sofreu o trote, po, o que a gente mais falava enquanto tinha o elefantinho[atividade do trote] era: cara, meus calouros vão dar 30 voltas, ali no, pátio do CCS, pra sofrer o que a gente sofreu, pra ter dor na coluna e tomar remédio por que teve dor na coluna”

Significados homofóbicos também foram frequentes. Os/as calouros/as são testados/as sobre a sua sexualidade, tendo que parodiar homossexuais de diferentes maneiras: dançando, ajoelhando-



se para pegar uma cenoura posicionada entre as pernas de outro calouro com a boca, etc. Para a maioria dos/as entrevistados/, o curso de Farmácia é tido por alunos/as de outros cursos do CCS, como um curso no qual “só tem viado”. Os homens homossexuais são motivo de chacota, e eles são “aceitos” como pessoas excêntricas e engraçadas. Nas palavras de um aluno da farmácia:

Ah pessoa tipo, questão se ser homossexual, na Farmácia tem assim um número bastante grande de homossexuais. Se tu põe numa turma entra, sei lá, 17, 18 homens, pó, desses aí pelo menos uns 5 são homossexuais, po é 1/3 né? Sempre rola assim umas piadas, as pessoas falando: “po, fulano”, “ahh, aquele maluco mó **boiolão**, num sei o que lá, tinha que ser **viado** e tal” **E eu não tenho problema com isso não. Eu me enturmo muito bem.** Pelo menos nunca tive problema nenhum com eles, sabe? Tem uns que tu acha também, são **muito engraçados**, (rs) **morro de rir**, eu acho que só é... a participação deles na farmácia só ajuda a tornar o curso mais engraça..., **mais divertido que são muito engraçados, né?**

Neste ponto, trazemos brevemente a noção foucaultiana de normalização, por contribuir para o entendimento das performances verbais e não verbais dos/as alunos/as, tendo em vista a insidiosa presença de discursos que enquadram “desvios das normas” e definem qual seria uma perspectiva legítima de vida para os sujeitos.

Para Foucault (1987), no século XIX o velho sistema penal (cujas penalidades incidiam através de torturas sobre o corpo) é substituído por um sistema em que novas táticas de punição, “mais sutis, mais veladas e despojadas de ostentação” (FOUCAULT, 1987 p.12), se deslocam do corpo para a alma: “À expiação que tripudia sobre o corpo deve suceder um castigo que atue, profundamente, sobre o coração, o intelecto, a vontade, as disposições” (p.18). E o alvo final deste novo aparato jurídico “não é apenas um julgamento de culpa [...] carrega uma avaliação de normalidade e uma prescrição técnica para uma possível normalização” (p. 20-21) que se aplica na sociedade como um todo. Para Foucault, um efeito do novo regime penal não é punir o criminoso, mas sim a “ordenação das multiplicidades humanas” (1987, p.179), a normalização da população em termos de comportamentos corretos, o que é um recurso importante para o sucesso do poder disciplinar na modernidade.

Nesse sentido, os discursos normalizam, instauram saberes ao imporem imagens binárias de sexo, da qual a heterossexualidade enquanto prática normativa e naturalizada é constitutiva. Como coloca Foucault, as práticas discursivas da atualidade “[...] se caracterizam pelo recorte de um campo de objetos, pela definição de uma perspectiva legítima para o sujeito do conhecimento”. (FOUCAULT, 1997, p.11)

Quando, no futuro próximo, os/as oprimidos/as se tornam opressores/as, chega sua vez de humilharem os/as outros/as como foram humilhados/as, e o ciclo se perpetua. Aqueles/as submetidos/as às “brincadeiras” não mostram resistência efetiva, pois reagir pode resultar em ser



considerado/a “diferente”. Professores/as, diretores/as e toda a instituição, em geral, também se omitem ou mostram reações tímidas. No caso das mulheres, resistir poderia implicar em afetar sua “feminilidade”, uma vez que a construção do corpo feminino em nossa sociedade é relacionada à exibição do corpo e ostentação sexual para a apreciação masculina.

Esses/as estudantes são produzidos/as nessas práticas e aprendem como lidar com a ambivalência, como aceitar e reproduzir situações nas quais o sexismo, assédio moral e falta de ética prevalecem (SIQUEIRA & ROCHA, 2008). E suas identidades são formadas por esse conjunto especial de circunstâncias, sentimentos, e experiências.

Tais práticas dos/as estudantes se constituem como acréscimo discursivo, fazendo circular na sociedade novas narrativas de gênero e de sexualidade. Em Siqueira (2006), lembrávamos que contrariamente à teoria vigente sobre a repressão do sexo, Foucault (2008) expõe uma aparelhagem que nos últimos séculos põe em funcionamento discursos estabelecidos a partir de diferentes pontos de vista para obter efeitos de poder sobre os sujeitos. Discursos sobre o sexo passam a proliferar a partir do século XVIII, através da incitação promovida pelas instituições escolar, familiar, pela medicina e, sobretudo, pela pastoral cristã. Este é o marco histórico na sociedade ocidental para que tudo passe a ser dito e detalhado.

Noções de Foucault, como a dos “efeitos do poder na subjetivação do sujeito moderno e sua incidência sobre o corpo”, influenciaram teorias feministas. Foucault (2008) evidenciou como a identidade é produto de uma relação de poder exercida sobre os corpos, movimentos e desejos. Tal noção, ao situar o corpo e a sexualidade como *construções culturais*, corre em direção oposta à visão essencialista das diferenças concebidas em torno da matriz genital/biológica predominante até os anos 60, quando teóricas feministas criaram a noção de gênero como categoria analítica da divisão sexuada do mundo. Essa formulação *desloca* o eixo do entendimento das relações, sobretudo, para aspectos da cultura, de forma coerente com a visão de descentramento do indivíduo (SIQUEIRA, 2006).

### *Considerações finais*

Evidenciamos aqui algumas estratégias que investem o corpo feminino, obscurecendo a “multiplicidade do ser-mulher”, através de processos de opressão que criam e marcam o feminino em suas delimitações sociais. A exibição do corpo feminino para satisfazer o prazer masculino reduzem esse corpo num sexo, amálgama que, como aponta Swain (sem data, p.1), resulta em práticas de subordinação, reproduzindo discursos fundadores como os de filosofia e teologia, de que



o homem **tem** um sexo e a mulher **é** um sexo. Vimos também que um conjunto de regras alinhadas com a regra da heterossexualidade estabelecem definições em torno da forma única e correta para se viver a sexualidade.

Para Giroux os/as estudantes universitários/as deveriam ser orientados/as “para abordar e formular estratégias de transformação pelas quais suas crenças individualizadas possam ser articuladas com discursos públicos mais amplos, que aumentem os imperativos da vida pública democrática” (GIROUX, 2003, p. 121). A nosso ver, isso permitiria que encaminhassem reivindicações de condições de igualdade, a exemplo do que vem sendo efetuado por diversos movimentos sociais, como no caso do feminismo. A questão, bastante complexa, de como as instituições educativas podem contribuir para que os sujeitos efetuem um trabalho “de si sobre si”, instrumentalizando-os/as para uma visualização de outras “formas de ser” e de viver e para que possam efetuar “o rompimento com padrões sociais que prescrevem uma forma única de associação e afetividade entre as pessoas” (MISKOLCI, 2006, p. 690), permanece um desafio.

Linhas divisórias, lugares de sujeito, hierarquias foram evidenciadas nos discursos e práticas dos/as estudantes; elas são reconstruídas constantemente nos micro espaços. Como sublinha Foucault: “Deve-se supor que as relações de força múltiplas que se formam e atuam nos aparelhos de produção, nas famílias, nos grupos restritos, nas instituições servem de suporte a grandes efeitos de clivagem que percorrem o conjunto do corpo social (FOUCAULT, 2008, p. 90).

### *Bibliografia*

ALMEIDA JR., A.R.; QUEDA, O. *Universidade Preconceitos & Trote*. SP: Hucitec, 2006.

BAUMAN, B. *Vida para consumo*. A transformação das pessoas em mercadoria. RJ: Zahar, 2008.

FOUCAULT, M. *História da sexualidade I: A vontade de saber*. RJ: Graal, 2008.

\_\_\_\_\_. *Microfísica do poder*. 18<sup>a</sup> ed. RJ: Graal, 2003.

\_\_\_\_\_. *Resumo dos cursos do College de France (1970-1982)*/ Michel Foucault. RJ: Zahar, 1997.

\_\_\_\_\_. *Vigiar e Punir: Nascimento da Prisão*. Petrópolis: Vozes, 1987.

\_\_\_\_\_. *A arqueologia do saber*. RJ: Forense Universitária, 1986.

GIROUX, H. *Atos Impuros. A prática política dos estudos culturais*. Porto Alegre, RGS: Artmed, 2003.

HALL, S. *A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo*. Educação e Realidade, Porto Alegre, v. 2, n.22, jul/dez 1997. p. 16-46.



MISKOLCI, R. *Corpos elétricos: do assujeitamento à estética da existência*. Estudos Feministas, Florianópolis, v.14, n.3, set/dez. 2006. p. 681-693.

SCHEURICK, J.J.; MCKENZIE, K.B. *Foucault's Methodologies. Archaeology and Genealogy*. In: Denzin, N. & Lincoln, Y.S. (editors) 3rd edition. The Sage Handbook of Qualitative Research. US, Sage Publications, 2005.

SIQUEIRA, V.H.F. *Sexualidade, gênero e educação: a subjetivação de mulheres pelo cinema*. Educação & Realidade, v.31, 2006, p.127-143.

SIQUEIRA, V.H.F.; ROCHA, G.W.F. *A construção de diferenças de gênero entre estudantes de medicina em espaços não formais da Universidade*. Cadernos Pagu (Unicamp), Campinas, v.30, p. 231-268 2008.

SWAIN, T.N. *Quem tem medo de Foucault?* Feminismo, corpo e sexualidade.(s/data). p. 1-16. Espaço Michel Foucault – Disponível em: <[www.filoesco.unb.br/foucault](http://www.filoesco.unb.br/foucault)>. Acesso em: 29/06/2010.